

The background features several abstract blue line drawings. At the top, there are three separate curved lines, each with two solid blue circles. Below these, a larger, more complex line drawing curves across the middle of the page. In the lower-left quadrant, there are two circular motifs: one with a solid blue center and a dashed blue outer ring, and another similar one below it. The text is placed within these graphic elements.

**A pesquisa e o ensino em  
Arquivologia:**

**Perspectivas  
na era digital**

**Organizadores:**

Thiago Henrique Bragato Barros

Roberto Lopes dos Santos Jr

Gilberto Gomes Cândido

**THIAGO HENRIQUE BRAGATO BARROS**  
**ROBERTO LOPES DOS SANTOS JUNIOR**  
**GILBERTO GOMES CÂNDIDO**  
**Organizadores**

**A PESQUISA E O ENSINO EM ARQUIVOLOGIA: PERSPECTIVAS NA ERA  
DIGITAL**



**BELÉM, PA**  
**2019**

© 2019 A reprodução desse livro na íntegra ou em parte é permitida, desde que citados os créditos. Proibida a venda.

### **Comissão Organizadora**

Thiago Henrique Bragato Barros (Presidente)  
Robero Lopes dos Santos Jr  
Gilberto Gomes Cândido

### **Presidente da Comissão Científica**

Roberto Lopes dos Santos JR (UFPA)

### **Conselho Editorial/Comissão Científica**

Alzira Sá (UFBA)	Paulo Roberto Elian dos Santos (FioCruz)
Ana Maria Camargo (USP)	Priscila Gomes (UNIRIO)
André Malverdes (UFES)	Renato de Mattos (UFF)
Angelica Marques (UNB)	Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UNB)
Anna Carla de Almeida Mariz (UNIRIO)	Telma Campanha Carvalho (UNESP)
Clarissa Moreira dos Santos Schimidt (UFF)	Thiago Henrique Bragato Barros (UFRGS)
Eliete Correia dos Santos (UEPB)	Welder Silva (UFMG)
Fernando de Assis Rodrigues (UFPA)	
Ivana Parrela (UFMG)	
Josemar Mello (UEPB)	
Luciana Heymann (FGV)	
Marcia Pazin (UNESP)	
Margarete Farias de Moares (UFES)	
Maria Teresa Navarro de Britto Matos (UFBA)	
Mariana Lousada (UNIRIO)	
Moises Rockembach (UFRGS)	
Natalia Tognoli (UFF)	

**Coordenação Editorial:** Thiago Henrique Bragato Barros, Glenda da Rocha Monteiro, Leticia Lima Sousa.

**Capa:** Máira Fernandes Alencar

**Revisão textual:** os autores

---

A pesquisa e o ensino da Arquivologia: perspectivas na era digital  
/ [Organizado por] Thiago Henrique Bragato Barros, Roberto Lopes dos Santos Junior, Gilberto Gomes Cândido. – Belém: Ed. da UFPA, 2019.  
324: il.

Livro eletrônico.  
978-85-61214-37-1 ISBN

Conteúdo: **Eixo 1:** A pesquisa na Arquivologia no século vinte e um - **Eixo 2:** Tendências da preservação eletrônica e digital - **Eixo 3:** Gestão de documentos arquivísticos analógicos e digitais no âmbito público e privado – **Eixo 4:** Memória, Patrimônio e Usuários na Arquivologia contemporânea – **Eixo 5:** Questões contemporâneas de ensino na arquivologia brasileira.

1. Arquivologia 2. Documentos arquivísticos 3. Ensino de arquivologia I. Barros, Thiago Henrique Bragato, *org.* II. Santos Junior, Roberto Lopes, *org.* III. Cândido, Gilberto Gomes, *org.*

---

CDD – 020

Bibliotecária Leticia Lima de Sousa – CRB2-1549

## PREFÁCIO

A Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), trata-se acima de tudo de um espaço de articulação científica, pedagógica e política da Arquivologia. Um espaço construído e conquistado por essa comunidade que, apresenta em sua sexta edição indícios de sua consolidação. Assim, desde seu primeiro encontro tem procurado, discutir, evidenciar e trabalhar os principais aspectos da pesquisa e do ensino em Arquivologia, mantendo em mais uma edição essa prática.

Nesse cenário, tem-se a realização do VI Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia na Universidade Federal do Pará, sob o tema “A pesquisa e o ensino em arquivologia: perspectivas na era digital” ocorrida em setembro de 2019, na cidade do Belém-PA, sendo o primeiro encontro de cunho acadêmico-científico realizado na região Norte do país na área de Arquivologia, o que representa um marco para área.

O tema concatenado pelos organizadores visou discutir perspectivas recentes da área digital no contexto do ensino e pesquisa, consolidando a Arquivologia em uma realidade focada em novos paradigmas informacionais e tecnológicos evidenciados em conceitos como “arquivística pós-custodial” e “Arquivística pós-moderna”, expandindo as visões gerenciais e históricas vigentes no campo desde a segunda metade do século vinte. Seja no âmbito teórico, profissional, mas, principalmente, no ensino e pesquisa, a Arquivologia busca novas metodologias, interpretações e abordagens que permitam sua constante renovação e adaptação a esse cenário complexo que, de forma incessante, desafia a área no atual cenário.

Ao longo dos trabalhos aqui publicados, é possível perceber, mais do que nunca, a presença das discussões no âmbito da pesquisa e do ensino, sinalizando a consolidação do motivo pela qual a REPARQ foi criada.

Agradecemos também aos apoios da CAPES, UFPA e Fadesp para a realização do evento.

Ao longo da leitura dos trabalhos convidamos todos a discussão, reflexão e aprimoramento das mais variadas questões em nosso campo de conhecimento.

**Thiago Henrique Bragato Barros**

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade Federal do Pará

Novembro/2019

## SUMÁRIO

---

### *A pesquisa na Arquivologia no século vinte e um*

Análise de domínio: um estudo nos anais da Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ).....	9- 19
A identificação de funções e tipos documentais na Classificação de documentos de arquivo: o caso do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas/FIOCRUZ .....	20- 29
Classificação, descrição e indexação em arquivos: diferenças e aproximações possíveis .....	30- 40
Informação, documentos, arquivos e repositórios: mecanismos de difusão de conhecimentos para as inovações gerenciais nos sistemas de saúde .....	41- 48
Os arquivos pessoais na comunicação científica brasileira: um mapeamento dos encontros científicos nas áreas de Arquivologia e Ciência da Informação .....	49- 57
Inusitado, mas possível: estudo diplomático de recortes de jornal .....	58- 68
Competência em Informação e Arquivologia: Relato de pesquisa .....	69- 79
A Gestão do Conhecimento e a Informação Arquivística: possíveis interseções .....	80- 90
A nova morfologia da Arquivologia no século XXI: o microscópio da justiça social dos arquivos, responsabilidade e democracia .....	91- 96

---

### *Tendências da preservação eletrônica e digital*

Diplomática Digital: uma nova abordagem? .....	98- 107
Identificando ligações entre o Records in Context e o Records Continuum: análise da multidimensionalidade comum aos modelos .....	108- 116

---

### *Gestão de documentos arquivísticos analógicos e digitais no âmbito público e privado*

Recomendações para a implantação do sistema de arquivos da Universidade Federal do Rio de Janeiro .....	118- 127
Contribuições arquivísticas para a segurança do paciente .....	128- 135
Proteção aos documentos analógicos e digitais: a legislação e o caso do INSS .....	136- 146
A linguagem do indizível: contribuições para organização de acervos de dança .....	147- 156
Dimensões contextuais e requisitos que indicam a possibilidade de registro de informações pessoais nos documentos arquivísticos .....	157-172
Análise do Cenário Institucional e Arquivístico do Arquivo Público de Macaé: novas discussões para antigos problemas .....	173- 183

Instrumentos de classificação propostos pelo Conarq e pelo Senado Federal: uma análise comparativa a partir da produção documental .....	184- 194
--	----------

---

***Memória, Patrimônio e Usuários na Arquivologia contemporânea***

O ensino das disciplinas das áreas de Cultura, Memória e Patrimônio Cultural na Arquivologia: Um balanço de dez anos de experiência .....	196- 203
Arquivo e Educação: Diálogos e Possibilidades .....	204- 212
Presença de disciplinas sobre usuários nos cursos de Arquivologia brasileiros .....	213- 220

---

***Questões contemporâneas de ensino na arquivologia brasileira***

A Trajetória Histórico-Curricular do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) .....	222- 232
A formação do profissional Arquivista e o ensino do tratamento de documentos fotográficos em arquivos .....	233- 242
A Educação à Distância e o Ensino na Arquivologia: Possibilidades e desafios na graduação ...	243- 250
Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos: uma análise a partir da visão dos egressos .....	251- 260
O Ensino em Arquivologia na perspectiva da era digital: O caso do curso de Arquivologia da UFES .....	261- 269
Ensino, Pesquisa e Extensão na Graduação em Arquivologia: relato de experiência de projeto integrado .....	270- 278
(Re)pensar o currículo: a experiência de revisão curricular do curso de Arquivologia da UFMG..	279- 288
Perfil acadêmico dos integrantes do grupo de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (EPARQ) A Competência em Informação na Arquivologia: reflexões sob o enfoque da pesquisa.....	289- 303
A Competência em Informação na Arquivologia: reflexões sob o enfoque da pesquisa .....	304- 314
Ensinando Paleografia no Século XXI: um relato de experiência .....	315- 325

---

# **Memória, Patrimônio e Usuários na Arquivologia contemporânea**

*Memory, Heritage and Users in Contemporary Archival Science*

---

# Arquivo e Educação: Diálogos e Possibilidades

*Archive and Education: Dialogues and Possibilities*

**Fernanda da Silva Rodrigues (1), Priscila Ribeiro Gomes (2)**

(1) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 458, fernandas\_rodrigues@yahoo.com.br.

(2) pri.unirio@yahoo.com.br

## Resumo

O artigo faz parte de um estudo realizado no âmbito de Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que buscamos estabelecer interlocuções e diálogos entre a Arquivologia e a Educação, apresentando as possibilidades de estudos que entrecruzam os referidos campos do conhecimento. Baseados nessa tessitura, chamamos atenção para os arquivos escolares enquanto um universo rico que necessita ser aprofundado pela Arquivologia, seja de forma teórica, através de revisão de literatura ou explorado empiricamente, uma vez que os estudos sobre o tema são incipientes e a grande maioria das reflexões sobre o assunto é proveniente da Educação. Deste modo, defendemos que há uma necessidade de aproximação entre as duas áreas, sobretudo por acreditarmos no caráter interdisciplinar da Arquivologia. Pensando o arquivo escolar enquanto patrimônio, visamos refletir sobre os conceitos de cultura e memória escolar por entender que esses sejam conceitos complexos que não podem ser pensados no singular, por referirem-se a um universo plural que são as culturas das escolas, que se materializam em seus documentos. Nesse sentido, procuramos por meio de uma discussão teórica destacar a importância de uma aproximação entre os campos, de modo a contribuir para futuros trabalhos.

**Palavras-chave:** Arquivologia; Educação; Arquivo Escolar; Interdisciplinaridade; Memória, diálogos; possibilidades.

## Abstract

The article is part of a study carried out within the scope of the Post-Graduate Program in Document and Archives Management. This is a bibliographical research in which we seek to establish dialogues and dialogues between Archivology and Education, presenting the possibilities of studies that intersect the said fields of knowledge. Based on this structure, we call attention to school archives as a rich universe that needs to be deepened by Archivology, either theoretically, through literature review or empirically explored, since the studies on the subject are incipient and the vast majority of reflections on the subject comes from Education. Thus, we argue that there is a need for approximation between the two areas, mainly because we believe in the interdisciplinary character of the Archivology. Thinking about school archives as patrimony, we aim to reflect on the concepts of culture and school memory because they are complex concepts that can not be thought of in the singular, because they refer to a plural universe that is the cultures of the schools, which materialize in your documents. In this sense, we seek through a theoretical discussion to highlight the importance of an approximation between the fields, in order to contribute to future work.

**Keywords:** Archivology; Education; School Archive; Interdisciplinarity; Memory, dialogues; possibilities.

## 1 Introdução

A Arquivologia é um campo que vem se desenvolvendo ao longo do tempo e que se encontra em um contexto atual de renovação, sobretudo pelo advento de novos paradigmas tecnológicos e informacionais que trouxeram uma releitura da área, ampliando o seu escopo de análise e de abordagens, a partir, inclusive de uma aproximação com outros campos de conhecimento.

A partir da década de 1990, segundo Jardim (2012) novas formas de produção e uso da informação

arquivística provocaram essa releitura no que tange aos seus aspectos teóricos e práticos. Assim,

São questionados os objetos, os métodos, os princípios teóricos, as singularidades do documento digital, a web como espaço arquivístico, a perspectiva não custodial, o funcionamento das instituições e serviços, as formas de uso e transferência da informação arquivística, a preservação, a identidade do arquivista, a sua formação etc. (JARDIM, 2012, p.138).

Por esse prisma, percebe-se uma ampliação no que tange ao saber-fazer arquivístico, pautado em novos questionamentos, destacando-se a importância na

produção de pesquisas enquanto meio capaz de gerar novos conhecimentos à área, para além dos já consagrados e que possibilitam lidar com os novos desafios apresentados. Nesse aspecto, há um aumento nos debates acerca da disciplinaridade e interdisciplinaridade da Arquivologia.

Tal aproximação aponta para inflexões no sentido de pensar que outras perspectivas podem ser postas em discussão com a Arquivologia, como por exemplo, o arquivo escolar, que se apresenta como *locus* de atuação do arquivista; o documento como instrumento potencial nos processos de ensino e aprendizagem; os arquivos enquanto mananciais de informação para a historiografia educacional; as políticas educacionais no âmbito das instituições arquivísticas, dentre outras possibilidades que se entrelaçam ao tema.

A histórica relação da Arquivologia com outras disciplinas parece desnaturalizar-se. Ampliam-se as possibilidades de uma postura epistemológica, na qual zonas de interlocução da Arquivologia com outras disciplinas são requisitadas nas pesquisas. (JARDIM, 2012, p. 138)

Dessa forma, o fazer arquivístico no contexto atual exige do arquivista um conhecimento que perpassa os pressupostos teóricos da área a partir de diálogos com outros campos para além daqueles que já mantêm uma relação histórica com a disciplina, a exemplo da História, da Administração e do Direito, a fim de ampliar o seu escopo de análise e atuação, permitindo que, por exemplo, temas ou objetos que a permeiam, bem como a outras disciplinas, possam ser investigados de forma mais aprofundada. Ainda segundo Jardim:

Em todas as atividades arquivísticas, o arcabouço teórico e os métodos e técnicas da Arquivologia são acionados, evidentemente. No entanto, arquivos não são gerenciados apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia. (JARDIM, 2012, p. 142).

Nesse sentido, a partir das reflexões de Jardim (2012), no qual apresenta três visões da Arquivologia por parte dos autores: 1) Arquivologia vista como campo autônomo, 2) Arquivologia como subárea da Ciência da Informação e 3) Arquivologia como disciplina científica em permanente construção, dotada de autonomia, porém exercida em diversos aspectos mediante relações interdisciplinares, adotamos esta última por ser a que mais se aproxima a ideia dessa pesquisa.

Dito isso, partiremos de uma perspectiva de interdisciplinaridade, procurando ampliar o debate que envolve a Arquivologia e a Educação através de dois eixos: o primeiro explorando as possibilidades educativas em Arquivos e o segundo refletindo sobre os arquivos escolares em suas múltiplas facetas, a partir da percepção que tanto um quanto o outro são relevantes por possibilitarem, entre outros pontos, refletirmos sobre os possíveis impactos que a aproximação entre as áreas agrega para a Arquivologia enquanto disciplina científica.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Possibilidades educativas em arquivos

Quando falamos em possibilidades educativas em arquivos não há como deixar de citar as contribuições de Heloisa Bellotto, umas das pioneiras nos estudos em Arquivologia no Brasil, que ainda no século passado visualizou possibilidades interessantes para os arquivos além dos seus aspectos primários.

Em um dos capítulos da sua obra *Arquivos permanentes: tratamento documental*, intitulado “Difusão Editorial, cultural e educativa em arquivos”, são apresentadas outras funções dos arquivos, distintas da sua razão de criação, onde,

Uma atividade que, embora secundária, é a que melhor pode desenhar os seus contornos sociais, dando-lhe projeção na comunidade, trazendo-lhe a necessária dimensão popular e cultural que reforça e mantém o seu objetivo primeiro. Trata-se de seus serviços editoriais, de difusão cultural e de assistência educativa. (BELLOTTO, 2004, p. 227)

A partir da leitura do capítulo então é possível apreendermos alguns usos dos arquivos, como a realização de palestras, exposições, debates, lançamentos de obras, turismo cultural, publicações educativas, visitas, atendimento a alunos, concursos, divulgação de reproduções de documentos, exposições de originais no recinto do arquivo, espetáculos de luz e som aliados aos museus, em que os arquivistas podem participar com o seu trabalho e experiência e serviços de assistência educativa. Algumas dessas ações podem e devem ocorrer em colaboração com outros organismos culturais e pedagógicos, como museus, bibliotecas, centros de documentação, universidades, instituições ligadas ao turismo, e as escolas. Por esse ângulo, Payne, destaca que:

O desenvolvimento de laços entre os arquivos e a educação não depende só da compreensão do papel que a educação deve exercer no mundo contemporâneo; são igualmente importantes: o reconhecimento do verdadeiro valor dos arquivos como fonte educativa e a vontade de transformar o valor educativo potencial dos arquivos em programas positivos e realistas. (PAYNE, 1980 apud BELLOTTO, 2004, p. 231).

Além disso, é proposta a utilização dos documentos de arquivo pelos professores de História e de outras disciplinas em suas aulas, possibilitando aos usuários despertarem seus olhares para esses espaços.

O arquivo, nesse ponto, assume uma função social, atingindo o aspecto mais importante para a Arquivologia e para os arquivistas que é o uso dos documentos, pois “não há evidência mais convincente do valor do arquivista do que o fato deste oferecer a todos os usuários pronto e útil acesso ao acervo que é acumulado e reservado” (FOX, 2007, p.25).

Isso não é apenas importante pela questão cultural e educativa ligada aos valores secundários dos documentos e do arquivo, mas, sobretudo pela sua própria função primária que passa a ser conhecida, uma vez que é desenvolvida a,

Compreensão dos testemunhos do passado, mesmo os mais modestos; difundindo a noção de respeito pelo documento escrito, evitando assim a destruição de papéis que se acham em depósitos particulares e, talvez, estimulando doações de fundos privados ou, ao menos sua cessão para microfilmagem. (BABELON et al, 1970, apud BELLOTTO, 2004, p. 240).

A instituição arquivística ao assumir funções direcionadas a aspectos culturais, educativos e de difusão, reforça a sua relevância social, que muitas vezes não é percebida se não houver esse esforço, ou se apenas o arquivo se direciona para seu caráter primário.

Quando um arquivo público instala, alimenta, desenvolve e expande seus serviços editoriais, culturais e educativos alinhando-se à sua função informacional, administrativa e científica, ele preenche seu lugar por direito e por conquista na comunidade. Esta deve ver no arquivo uma tribuna e um manancial de direitos e deveres, um lugar de entretenimento e uma real fonte de cultura e saber. (BELLOTTO, 2004, p. 247).

A autora Heloisa Bellotto, dez anos após a edição da obra supracitada, no livro *Arquivos estudos e reflexões*, mais precisamente no capítulo “Arquivo e Sociedade: políticas e ações voltadas para a cultura e educação”, reforça a relevância dos arquivos relacionada a esses aspectos.

Ressaltando as atividades que as funções básicas dos arquivos exigem, como: “reunir, organizar, conservar e tornar acessíveis as informações contidas nos documentos que deles fazem parte” (BELLOTTO, 2014, p. 133), possibilitando responderem às funções de servir a Administração, ao Direito, à cidadania e à historiografia, ela destaca que a sociedade faz dos arquivos usos multifacetados, utilizando os documentos como registros fidedignos para atender a demandas da vida civil, pessoal e profissional, além de possibilitar a compreensão da identidade cultural de sua comunidade e a evolução da sua história, mas também outros usos de aproximação ao público geral. Essas funções, “têm a ver com a cidadania, com a aproximação da população de sua identidade cultural e de seu patrimônio histórico” (BELLOTTO, 2014, p.133).

Dessa forma o arquivo se projeta como um espaço que não apenas serve à Administração ou aos cidadãos, ligados a questões de direitos, mas também como um espaço de cultura, de memória, de história, enfim de pertencimento para toda a sociedade.

A autora ainda faz alguns apontamentos interessantes que ampliam sua perspectiva comparada a obra anterior, trazendo questões como a importância do arquivo para a construção da identidade cultural dos cidadãos, sobre o

arquivo como um repositório do patrimônio cultural da comunidade, reforça e exemplifica o seu caráter mediador, aponta as relações que os arquivos podem estabelecer com outros organismos culturais, entre eles as escolas. Com relação a essas, Bellotto salienta que podem ser desenvolvidas ações específicas voltadas ao público escolar, compartilhadas com os princípios da Educação Patrimonial e com o ensino da História. Nesse sentido, a Educação Patrimonial busca,

(...) levar crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de educação cultural. (BELLOTTO, 2014, p.141 apud CORSETTI, 2000).

Ao falar de Educação Patrimonial, encontramos o artigo, “Arquivo e Escola: buscando ações extensionistas como possibilidade de aproximação”, publicado pela *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Nele, os autores Gomes e Monteiro enfatizam que:

Os arquivos, escolares ou não, podem e devem ser utilizados como instrumentos pedagógicos; professores e alunos devem recorrer a eles para a formulação de um processo de aprendizado mais dinâmico (GOMES; MONTEIRO, 2016, p. 67).

Por fim, Bellotto apresenta os benefícios didáticos que a abertura dos arquivos traz para o público escolar, reforçando sua importância para o ensino da história local, que permite que os alunos conheçam a sua cidade, a sua cultura e história, despertando a partir desse conhecimento um interesse maior por uma história geral, mais universal. Além disso, o mais importante é quando defende que um Serviço Educativo de um Arquivo deva fazer parte da sua estrutura organizacional como algo efetivo e sistemático, haja vista que,

Engajar-se em políticas públicas que incluam programas de cooperação com as escolas, estará construindo uma incomparável aura de excelência às suas funções precípuas, contribuindo para formar um cidadão mais apto a compreender o passado da sociedade em que vive e poder participar na construção de um futuro mais digno desta mesma sociedade. (BELLOTO, 2014, p. 142).

Nessa concepção, pensando no público escolar, e no setor educativo destacamos que,

As instituições arquivísticas podem preparar exposições apresentando documentos antigos que tratam da origem da cidade e explorá-los como fonte, bem como fotografias que retratam o cotidiano ou atos oficiais [...] Outras histórias possuem a possibilidade de serem reconstruídas por pesquisadores e divulgadas, enfim o setor educativo de um arquivo possui muitas probabilidades para desenvolver suas atividades, depende da administração da instituição. (REIS; REIS, 2017, p. 481).

Ainda que esse tipo de visão em que se vislumbram aproximações e diálogos entre os arquivos, a Educação

e a cultura seja antiga, a própria autora infere que há dificuldades em inserir as instituições arquivísticas nas políticas públicas de patrimônio, uma vez que tanto os governos quanto a sociedade ainda têm a ideia de que estas se direcionam para aspectos de custódia de acervos, probatórios e de obtenção de direitos.

Nesse sentido, segundo Ivana Parrela “autores como Luís Carlos Lopes (2002) e Janice Gonçalves (2002), ao analisar o tratamento dado aos acervos e às instituições arquivísticas no âmbito das políticas de patrimônio, destacam o *não lugar* dos arquivos nas políticas públicas de cultura”. (LOPES, 2002, JANICE [Gonçalves], 2002, apud PARRELA, 2013, p. 108, grifo da autora). Conforme a autora, os investimentos dos arquivos brasileiros em atividades educativas, quando comparados aos dos museus, são considerados incipientes.

Porém, Parrela (2013) também apresenta iniciativas interessantes de ações educativas e de Educação Patrimonial em arquivos brasileiros se debruçando sobre três estados, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Nesses são desenvolvidas ações como, por exemplo, a de transformar o Arquivo em parte da sala de aula dos professores, utilizando-se dos documentos como recursos didáticos, visitas técnicas aos acervos e oficinas temáticas sobre assuntos variados, atividades como exposições, palestras, visitas guiadas e até ações mais específicas e acadêmicas como a realização de eventos de divulgação de produção intelectual das Ciências Humanas, desenvolvidas no Arquivo do Rio Grande do Sul.

Chama atenção na fala da autora a experiência do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), que embora mais recente disputa “o seu espaço” com as lembranças de um antigo arquivo municipal que o antecedeu no tempo e com a forte presença do Arquivo Estadual mais antigo.

A partir de uma preocupação do corpo técnico com a sobrevivência da instituição e para construir a sua identidade institucional frente aos outros arquivos, o APCBH, se projetou como um arquivo moderno pautado na Gestão de Documentos, preocupado com os recolhimentos contínuos, atuando na identificação e recolhimento de massas documentais da Administração municipal de forma a tratá-las e torná-las disponíveis, bem como, desenvolvendo estratégias de difusão e acesso.

Tanto os capítulos de Bellotto quanto o artigo de Parrela, nos apresentam um panorama das possibilidades educativas nos arquivos e, por extensão as interlocuções e diálogos que podem ser realizados entre a Arquivologia e a Educação como campos de conhecimento interdisciplinares. A partir dessa perspectiva o escopo de análise daquela se expande e se fortalece, pois passa agregar outros elementos

importantes provenientes da Educação que irão possibilitar olhares distintos sobre os arquivos.

Isso é relevante em muitos sentidos, sendo um deles a percepção de possíveis impactos na Arquivologia enquanto disciplina a partir de um duplo movimento, pois se de um lado a aproximação das áreas cria olhares distintos sobre os arquivos pelos arquivistas, por outro lado, provoca um movimento que pode contribuir para uma mudança na formação desses arquivistas, com base nos currículos dos cursos de graduação, visando o desenvolvimento de competências direcionadas a explorar as possibilidades educativas dos arquivos.

Além de que, pensar estes por uma ótica que não apenas priorize a sua razão primária de existência contribui para alargar o seu valor social e a sua importância junto aos cidadãos, que passam a enxergá-los como um espaço de memória, de cultura, de história, de identidade e pertencimento.

O objetivo de organizar e conservar adequadamente os arquivos adquire toda a sua dimensão cidadã se assumimos que estes centros colaboram muito diretamente para a ascensão, entre outros, dos valores de patrimônio público, memória identidade e conhecimento, os quais, e não por acaso, se associam normalmente às finalidades irrenunciáveis do moderno conceito de cultura. É evidente, portanto, a implicação direta e decisiva dos arquivos no fomento e difusão dos valores assumidos pela sociedade como fundamentais. (FUGUERAS et al, 2001 apud BELLOTTO, 2014, p. 135)

Outra autora que aborda a questão é Bonato (2005) que traz exemplos interessantes tanto de outros países, como do Arquivo Nacional do Canadá, além de citar iniciativas do Arquivo Nacional, da Fundação Casa Rui Barbosa, do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro e do Arquivo Público do Distrito Federal. Seu texto, embora mais antigo, serve para ilustrar que as iniciativas de atuação educativa e cultural dos arquivos, bem como a aproximação destes com as escolas já vêm se desenvolvendo há algum tempo.

Apesar das leituras de Bellotto, Bonato e Parrela nos mostrarem já haver um movimento por parte dos arquivos brasileiros que consideram os aspectos culturais e educacionais nas suas políticas, ainda existe um longo percurso a ser traçado. Nesse sentido, corroboramos a visão de Bonato quando salienta que,

Se por um lado, as escolas não estão indo aos arquivos, por outro não há, por parte dos arquivistas, um número significativo de projetos oficiais de assistência educativa escolares. (BONATO, 2005, p. 215)

E defendemos que a Arquivologia e os arquivistas sejam mais atuantes tanto no próprio Arquivo quanto no universo das escolas. Para os arquivistas, essas podem e devem ser mais um espaço de atuação profissional, no qual devem demonstrar a sua importância e ter visibilidade social.

Essa perspectiva será obtida a partir de uma releitura da disciplina arquivística, baseada em uma mudança na formação dos futuros arquivistas, como já destacado, contribuindo para que esses possam sair da universidade conhecendo os arquivos escolares e identificando-os como uma das possibilidades em que possam exercitar os seus conhecimentos obtidos durante a graduação.

Por esse ângulo, cabe destacar a parceria estabelecida entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) junto às escolas municipais do rio de janeiro, possibilitando aos alunos estagiarem no ambiente das escolas. Essa parceria é fruto das discussões desenvolvidas no âmbito dos grupos de pesquisa de Arquivologia, que têm como preocupação pensar o arquivo escolar como uma possibilidade de diálogo entre as áreas.

Nesse aspecto, se fosse desenvolvida uma disciplina específica voltada para os arquivos escolares, haveria um grande ganho tanto para a Arquivologia e para os arquivistas, uma vez que essas discussões ganhariam fôlego e seriam muito mais aprofundadas na universidade, quanto para as próprias escolas na medida em que, a gestão dos seus acervos seria mais eficiente, por ter profissionais pensando estratégias direcionadas a eles.

Dito isso, ressaltamos o arquivo escolar como uma possibilidade tanto de aproximação entre a Arquivologia e a Educação, mas também como um espaço onde grande parte das ações que são desenvolvidas no âmbito das instituições arquivísticas, também podem ser desenvolvidas e até ampliadas, uma vez que esses arquivos estão mais próximos da comunidade escolar e de certo modo de toda a sociedade, haja vista as escolas fazerem parte da vida de todos os cidadãos.

Acreditamos que não apenas as instituições arquivísticas podem atuar junto às escolas, através de ações educativas, mas que ainda que de forma incipiente, por extensão, o próprio arquivo escolar, através dos seus documentos, pode servir como um ambiente profícuo para o desenvolvimento dessas ações, possibilitando a sua visibilidade social, contribuindo para que seja identificada a sua importância tanto administrativa quanto histórico-cultural.

Se o estudante e o professor, referências da comunidade escolar, perceberem a importância dessa documentação como memória da escola, provavelmente ajudarão na sua preservação e compreenderão a importância da gestão documental e da implantação do “arquivo permanente”, dentro das condições existentes. (BONATO, 2005, p. 216).

No âmbito das iniciativas e ações de pesquisa, vale destacar alguns movimentos institucionais, por parte das universidades, que caminham na direção de estreitar os laços entre a Arquivologia e a Educação, compartilhando experiências que envolvem olhares plurais e permitem um aprofundamento no debate sobre

as possibilidades arquivísticas aliadas a Educação. Nesse sentido, há o grupo de pesquisa Arquivos, Educação e Práticas de Memória: diálogos transversais (UFMG/Unicamp), coordenado pelas professoras Ivana Parrela e Adriana Koyama, que organizam, anualmente, um Simpósio de Arquivos e Educação com apresentação de trabalhos. Já foram realizados três simpósios temáticos, em três diferentes estados, o primeiro em Fortaleza, que ocorreu dentro do âmbito do Congresso Nacional de Arquivologia (CNA), o segundo em Minas Gerais, como um evento prévio da Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ), e o último e mais recente em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP).

Além daquele, recentemente, foi criado o grupo de pesquisa Educação e Arquivos: experiências em contextos plurais (UNIRIO), coordenado pela professora Priscila Gomes, que organizou em 2019, o 1º Seminário de Educação e Arquivos: experiências arquivísticas no contexto educacional, que contou com a apresentação de convidados que dissertaram sobre as seguintes propostas temáticas: “Arquivos escovados a contrapelo: questões sobre prática de memória e educação”; “O arquivo e suas possibilidades educativas: iniciativas institucionais” e “O Arquivo como fonte para a pesquisa educacional: relatos de experiência”. Este último procurou abordar os arquivos escolares e suas possibilidades de estudo.

Notamos também, na 3ª Semana Nacional de Arquivos, uma ampliação da temática, pois tanto o Arquivo Nacional quanto a Fundação Casa de Rui Barbosa propuseram atividades voltadas para uma interlocução entre os referidos campos do saber.

A próxima sessão, então, se direciona a apresentar os arquivos escolares nas suas múltiplas facetas.

## 2.2 Por dentro dos Arquivos Escolares

Os arquivos escolares são um objeto de pesquisa recente, sendo o interesse por estudá-los reflexo do surgimento da Nova História Cultural, a partir de meados dos anos 1970, um movimento renovador da historiografia, fruto da Escola dos *Annales* e da Escola dos Neomarxistas Ingleses.

A Nova História Cultural surgiu “da emergência de novos objetos no seio das questões históricas como as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, entre outros” (CHARTIER, 1990, p.14, apud, FURTADO, 2011 p.148).

Esse tipo de estudo foi incorporado pela História da Educação que passou a considerar outros temas de investigação e, conseqüentemente, outras fontes de pesquisa, que ultrapassavam a perspectiva dos ditos

documentos “oficiais”, como decretos, leis, regulamentos, portarias. Nesse contexto, não é que os temas mais amplos referentes à Educação tenham deixados de ser discutidos, mas percebemos uma preocupação maior com estudos relacionados ao cotidiano da escola, que tratam de temas, como cultura e a comunidade escolar, sobre o arquivo como lugar de memória, sobre a trajetória da instituição escolar, como pode ser observado nos trabalhos de Magalhães (1999), Vidal (2005), Mogarro (2005), Viñao Frago (2000), Dominique Julia (2001) e Faria Filho (2004), entre outros.

Assim, a partir dessa ótica, o arquivo escolar passou a ser identificado como um espaço rico em documentação para pesquisas e foi incorporado como objeto de análise pelos autores, que também passaram a se preocupar com o seu estado de preservação.

Por parte da Arquivologia os arquivos escolares ainda não são um tema muito abordado, podendo-se dizer que ainda se trata de um assunto carente de investigação. O cenário encontrado a partir das leituras realizadas é de que os autores arquivistas, que se interessam pelo assunto, no geral, possuem também parte da sua formação relacionada com a História e, sobretudo com a Educação, além de ser proveniente desta última o maior interesse pela temática. É preciso que os arquivistas se debruçam sobre o tema contribuindo com os seus referenciais teórico-metodológicos e com as questões provenientes da Arquivologia.

A Lei nº 8159, de 8 de Janeiro de 1991, que dispõe sobre a Política Nacional de Arquivos públicos e privados e dá outras providências, no seu artigo 2º conceitua arquivo, enquanto os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. No tocante aos documentos de arquivo, segundo Heloisa Belloto (1994), estes são os:

[...] produzidos e/ou acumulados pelas entidades públicas e privadas, ou por uma família, ou pessoa física, no decurso do cumprimento de suas atividades ou funções. Surgem por razões funcionais, administrativas e legais. Tratam, sobretudo, de dispor ou determinar sobre alguma coisa ou provar algum ato. (p.13)

Dessa forma os arquivos escolares enquadram-se nesses conceitos, haja vista seus documentos serem produzidos e recebidos por uma instituição pública ou privada, no caso as escolas, em decorrência de suas atividades, sendo então definidos como,

Documentos produzidos ou recebidos por escolas públicas ou privadas, em decorrência do exercício de suas atividades específicas, qualquer que seja o suporte ou informação ou a natureza dos documentos (MEDEIROS, 2003, p.2).

Os arquivos escolares são importantes, segundo Medeiros (2003), haja vista as escolas exercerem múnus público- possuem deveres e obrigações perante o poder público, inclusive as escolas particulares- além de terem finalidades e funções diversas, sendo os seus documentos meios de prova de direitos de pessoas ou da Administração. Isso pode ser identificado, por exemplo, quando um aluno precisa comprovar a sua escolaridade, ou quando um professor precisa obter algum direito junto à Administração, e para essa quando precisa desenvolver alguma política educacional.

As finalidades destacadas por Medeiros se assemelham aos valores atribuídos por Schellenberg (1984) aos documentos em função de seus usos. Dessa maneira, há os documentos de valor primário ou imediato que é inerente a sua criação, podendo apresentar valor administrativo, fiscal ou jurídico, e os de valor secundário ou mediato o qual é identificado quando cessa o valor primário e a guarda do documento faz-se necessária permanentemente.

A escola deve ser entendida como uma instituição que tem missão, ações, atividades, objetivos, e os seus documentos e a informação que eles possuem refletem tanto as suas atividades-meio, mas principalmente, as suas atividades-fim, relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem, em que nesse cenário, destaca-se o papel dos arquivos escolares como espaço de guarda também dessa documentação, voltada para as práticas pedagógicas que são realizadas no cotidiano da escola.

Os arquivos escolares são constituídos de diversas espécies documentais que são também fontes de pesquisa porque registram a memória do fazer e pensar pedagógico no cotidiano escolar, além das questões administrativas. O tipo de informação gerado numa escola é bastante específico, refere-se à evolução do número de vagas, ao histórico de reprovações, de evasão escolar, entre outras. Essas informações podem se constituir numa ferramenta importante para a definição de políticas educacionais, seja no âmbito do município ou do Estado. (SILVA et al, 2008, p. 2).

Os arquivos escolares são considerados um manancial de fontes primárias relevantes para a pesquisa historiográfica, apresentando os seus documentos valores histórico-culturais para os historiadores na construção das suas narrativas e representações da memória.

Diante dos arquivos escolares a imaginação e o trabalho científico irão explorar inúmeras possibilidades: construirão biografias escolares; elaborarão sucessivos conceitos de cultura ou de educação sistemática; esclarecerão a didática viva; discutirão formas de ensino dominantes em cada época; dirão como a escola estava inserida na comunidade, etc, etc.[...] Ali, nos documentos, estão memórias individual e coletiva da educação. (MEDEIROS, 2003, p. 6).

O enfoque mais histórico e cultural dos arquivos escolares é mais explorado na literatura, onde são encontrados trabalhos pensando, por exemplo, sobre o arquivo escolar para reconstituir a trajetória das instituições educacionais; os que identificam esse arquivo como lugar de memória; os que apresentam sua relevância enquanto fonte para os estudos da Educação; os que pensam sobre cultura escolar e os que manifestam preocupações quanto ao seu estado de conservação, condições físicas e que trabalham até sobre a ótica da gestão de documentos.

Quanto aos que tratam da importância desses arquivos para a reconstituição da trajetória da escola e como lugar de memória destacamos as contribuições de Magalhães (1999), que identifica esses arquivos como fonte essencial, haja vista que a trajetória da instituição é construída “da(s) memória(s) para o arquivo e do arquivo para a memória” e de Vidal (2005b), que a partir das observações de Pierre Nora (1993), enxerga os arquivos enquanto lugares duplos, como locais de guarda, guardados em si mesmo, mas também abertos a novas leituras acerca do passado e do presente, uma vez que oferecem acesso a sua documentação. Segundo a autora,

É essa duplicidade que permite a apropriação pela história, construída a partir de acontecimentos, e possibilita sua incorporação à memória, na medida em que consolidam marcos (e marcas) visíveis da existência humana. Os arquivos, assim, ao mesmo tempo que devem conservar os documentos, precisam ser investidos de uma aura simbólica, gerando um vínculo afetivo entre presente e passado. (VIDAL, 2005b, p.19).

Nesse sentido, o arquivo constitui-se enquanto espaço capaz de abrigar várias memórias, de reunir uma gama de documentos que ativam o nosso passado e passam a ganhar significado no presente, muitas vezes com outros olhares, outras interpretações. Partindo dessa percepção, o arquivo escolar não é diferente. Este nos ajuda a entender não somente a memória da escola, mas também a história do entorno.

Gomes e Monteiro (2016), ao abordarem os arquivos escolares, ressaltam que:

São formados por um acervo rico, diverso e complexo; o patrimônio escolar faz parte da história das comunidades onde se situam as instituições. A preservação da memória da sociedade passa necessariamente pela preservação do patrimônio escolar, inserindo, conforme visto anteriormente, os arquivos escolares como parte desse patrimônio (p. 71).

Nesse aspecto, Reis e Reis (2017) defendem que a documentação armazenada nesses arquivos constitui memórias que trazem à tona noções e vestígios, que demonstram como a escola foi criada, por quem, quais as metas, funções e práticas cotidianas, e Mogarro (2006), que ressalta o lugar dos arquivos escolares nas

instituições educativas, para auxiliar na compreensão do seu itinerário ao longo do tempo.

A importância do lugar do arquivo na instituição tem acompanhado a afirmação dessa mesma instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua dimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e identidade histórica de uma escola. (MOGARRO, 2006, p. 73).

Quanto ao arquivo escolar como fonte para a História da Educação, salientamos as contribuições da própria Mogarro (2006) que apresenta os diferentes tipos documentais que compõem o seu acervo e propõem temas que podem ser explorados a partir deles, e Bonato (2005) que destaca aquele como um ambiente profícuo para pesquisas, além de apresentar as múltiplas possibilidades de investigação que permitem conhecer as atividades administrativas e pedagógicas de transformação da educação ao longo do tempo.

Reis e Reis (2017) também contribuem para o debate, demonstrando a importância desses arquivos para responder indagações e incômodos que perpassam a pesquisa em Educação respondendo a questões pertinentes da área. Desse modo é possível,

Conhecer os estudantes de uma determinada escola; fazer estatística com os dados do histórico escolar; criar banco de dados demográfico por meio da certidão de nascimento, verificar as ocorrências como indisciplina e vandalismo, entre outras. Além da documentação do aluno, a escola produz e recebe outros documentos passíveis de estudo como as legislações referentes a educação brasileira, bem como as internas da instituição respaldadas pelos órgãos competentes. Essas fontes permitem conhecer a educação no âmbito municipal, estadual e federal. Com as legislações, o pesquisador que lida com História da Educação pode pensar as políticas públicas educacionais e fazer proposições. (REIS; REIS, 2017, p. 483).

Diana Vidal também explora esse ponto, ressaltando que os arquivos escolares têm sido uma temática recorrente na História da Educação, e que os autores têm se debruçado sobre,

Relatos de experiências de organização de acervos institucionais, narrativas sobre as potencialidades da documentação escolar para a percepção da cultura escolar pretérita (e presente), publicação de inventários e guias de arquivo, elaboração de manuais e reprodução de documentos (digitados ou digitalizados) vêm mobilizando investigadores da área, renovando as práticas da pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico. ((VIDAL, 2005a, p. 71).

Ainda sobre a questão, Furtado (2011) infere que nos arquivos das escolas, é possível encontrar documentos que tratam de questões administrativas, pedagógicas e históricas, e que são inestimáveis para pesquisa, possibilitando compreender o processo de ensino e aprendizagem, a cultura escolar e a própria História da Educação, tornando-se fontes de informações imprescindíveis para a pesquisa.

Quanto aos arquivos escolares utilizados para pensar a cultura escolar, evidenciamos as contribuições de Vidal, já mencionada, e também de Viñao Frago (2000), Dominique Julia (2001) e Faria Filho (2004).

Nesse sentido adotamos a perspectiva de “Culturas Escolares” em detrimento de Cultura Escolar, por compreendermos que cada escola é um universo único, com inúmeras possibilidades. Apesar da missão, funções e atividades das escolas terem um padrão e haver legislações que regulamentam a sua atuação, a maneira como cada uma lida com isso e como os sujeitos atuam no cotidiano escolar é diversa e plural. Isso se reflete nos arquivos enquanto um produto desse contexto.

Com relação aos estudos que destacam a relevância das pesquisas referente aos arquivos escolares salientamos os aportes de Ragazzini (2001), Clarice Nunes e Marta Carvalho (1992). Essas últimas, segundo Gonçalves (2008), já destacavam a importância dos levantamentos desses acervos na 15ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Para as autoras:

(...) a compreensão crítica da trajetória da educação no nosso país fica comprometida não só pelo desconhecimento dos acervos existentes nos arquivos, mas também pela ausência de uso de acervos organizados e disponíveis para a pesquisa.

(...)Por essas razões, trabalhos que priorizem a localização de acervos, e a discussão em torno de levantamentos já existentes, são fundamentais para a renovação da prática da pesquisa histórica no campo da educação

(...) Mapear fontes é, portanto, preparar o terreno para uma crítica empírica vigorosa que constitua novos problemas, novos objetos e novas abordagens. (NUNES e CARVALHO, 1992, p.30, apud GONÇALVES, p.75).

Por fim, ressaltamos trabalhos nos quais os autores demonstram preocupações com as condições físicas dos acervos escolares, com seu estado de guarda e conservação, haja vista que, na grande maioria das vezes eles se encontram em condições muito precárias.

[...] Sede privilegiada de uma multiplicidade de ações humanas, pedagógicas, culturais, sociais, afetivas, produto de um cotidiano sempre reinventado, da instituição educativa não resta por vezes mais que um resíduo documental, irregularmente repartido no tempo e pouco representativo, nomeadamente no que se refere à riqueza do cotidiano escolar (MAGALHÃES, 1998, p. 75)

Mediante o exposto, levando-se em consideração tanto os valores primários quanto os secundários dos documentos que compõe os arquivos escolares inferimos que,

O arquivo de uma escola tem por finalidade armazenar a documentação de interesse da escola que venha auxiliar a **administração** e o **ensino**, assim como permitir o levantamento de dados para pesquisa educacional e histórica da instituição e da comunidade na qual ela está inserida. [...] Esse tipo de acervo arquivístico representa um patrimônio documental, que integra a memória da instituição escolar que o gera e é parte da memória educacional brasileira (BONATO, 2000, p. 45, grifo nosso).

### 3 Conclusão

Os documentos contidos no arquivo, seja de uma instituição pública ou privada, quanto os registros encontrados nos arquivos escolares, possibilitam interlocuções que aproximam a Arquivologia e a Educação. Nos Arquivos a atuação do arquivista deve visar o estabelecimento de um serviço educativo sistemático e atuante, que não resulte apenas em ações pontuais.

Nas escolas, acreditamos que as contribuições da Arquivologia e dos arquivistas são mais prementes e que aquelas devam ser espaços de atuação para esses profissionais, que têm grandes contribuições a oferecer com a sua formação e experiência empírica nos arquivos. Tanto nas escolas quanto nas instituições arquivísticas podemos empreender esforços no sentido de potencializar os usos dos arquivos com fins educativos, tornando-os visíveis para serem utilizados enquanto instrumentos favoráveis nos processos de ensino e aprendizagem, com destaque à metodologia da educação patrimonial.

Entendemos que essa atuação deva se estabelecer em parceria com os sujeitos envolvidos das escolas e com a área de Educação, que faz uso desses arquivos e que pode contribuir para a apreensão da sua importância na sua complexidade.

Identificamos que há um longo percurso a ser traçado para expandir as possibilidades e interlocuções entre os Arquivos, a Arquivologia e a Educação, tanto com relação a produções teóricas sobre o tema, quanto a ações empíricas que fomentem essa aproximação.

Observamos ao longo do trabalho algumas ações inseridas no âmbito de instituições arquivísticas que vêm sendo realizadas visando o fortalecimento dos laços. Além disso, destacamos a importância de grupos de pesquisas sobre o assunto, que por meio de seus eventos abrem mais espaços para a discussão sobre as possibilidades de diálogos entre a Arquivologia e a Educação, fundamentais para as trocas de experiências,

de modo a contribuir para a ampliação dos debates, minimizando a distância entre os campos.

## Referências

- BELLOTTO, H. **Arquivo estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 132- 143.
- \_\_\_\_\_. Arquivo e Sociedade: políticas e ações voltadas para a cultura e educação. In: BELLOTTO, H. Difusão Editorial, Cultural e Educativa. In: BELLOTTO, H. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 227-247.
- \_\_\_\_\_. Patrimônio cultural, arquivo e Universidade. *Boletim do Centro de Memória - Unicamp*. Campinas, v. 6, n.11, p.11-18, jan-jun/1994.
- BONATO, N. Os Arquivos escolares como fonte para a história da educação. **Revista Brasileira de história da educação**, n. 10 jul/dez, 2005.
- FOX, Michael. Por que precisamos de normas. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.20, n.1-2, p.23-30, jan./dez. 2007.
- FURTADO, Alessandra C. Os arquivos escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 2011.
- GOMES, Priscila; MONTEIRO, Magno. Arquivo e Escola: buscando ações extensionistas como possibilidade de aproximação. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n.10-11, 2016.
- JARDIM, José Maria. A pesquisa em Arquivologia: um cenário em construção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 135-153.
- MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. Arquivos escolares: breve introdução a seu conhecimento. **Revista Histedbr**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB - Vitória da Conquista- BA. 2003.
- MOGARRO, Maria J. Arquivos e Educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v.5, n.2, 2005.
- PARRELA, I. Educação patrimonial nos arquivos brasileiros: algumas experiências e perspectivas de uso da metodologia. **Ciência da Informação**, v. 42, n. 1, 2015.
- POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v.1, n.1, março 2005, p. 3-15.
- REIS, Filomena Luciene Cordeiro; REIS, João Olímpio Soares dos. Arquivos escolares: um estudo introdutório. **Ágora**, n. 55, v. 27, p. 475-500, 2017.
- SILVA, C. A.; RIEDLINGER, M. A.; CALDERON, W. R. **A Gestão da documentação escolar: o caso do Colégio Marcelino Champagnat**. set. 2008. Disponível em <[http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/anais/painel\\_educacao/analise\\_da\\_gestao\\_de\\_documentacao.pdf](http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/anais/painel_educacao/analise_da_gestao_de_documentacao.pdf)>
- VIDAL, D. G. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005a.
- VIDAL, D. Cultura e práticas escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, R.;VLDEMARIN [Valdemarin], V. **A cultura escolar em debate**. Campinas: Autores Associados, 2005b, p. 3-30.